

## EDITORIAL

É com enorme prazer que anunciamos a publicação do quinto número da READ! Na nossa sociedade tudo continua na mesma. Negros e indígenas continuam sendo assassinados nas favelas e periferias e fazendo morada nas prisões, no desemprego e nos empregos de “merda”, como escreveu David Graeber. A esquerda oficial continua escolhendo ministros conservadores para o STF e fazendo alianças espúrias com os “políticos pragmáticos”. A direita necrofílica colonialista outrocida permanece vomitando seu discurso de ódio contra “os outros”. Na UFRJ e no Departamento de Ciência Política, continuamos lutando contra os seus racismos epistêmicos. Mas também temos esperança. Nessa semana, tivemos grandes manifestações de rua que denunciaram a constante violência estatal contra os negros.

É nesse cenário de disputa que apresentamos mais um número da nossa revista. Um lugar para publicações críticas, sem as tradicionais camisas de força acadêmicas. Nesse veio, os leitores terão acesso a artigos que fazem uma profunda crítica das diferentes formas de expressões do racismo, do patriarcado, do capitalismo, do ecologicídio e da LGBTQIAP+fobia. Com efeito, continuamos na guerra epistêmica contra toda forma de opressão.

Iniciamos a presente edição com o artigo “Anarquismo “histórico” e Anarquismo Contemporâneo: continuidades e descontinuidades”. Os autores Caio Maximino e Felipe Cittolin Abal oferecem uma análise das “continuidades e descontinuidades” do pensamento anarquista a partir do rompimento provocado pelo Maio de 1968 francês. Considerando também pensadores clássicos do anarquismo, os autores examinam como o Maio de 1968 influenciou o pensamento anarquista histórico, provocando novas reflexões tanto na teoria como na práxis anarquista contemporânea.

O segundo artigo, intitulado “Uma proposta decolonizadora à guerra contra as drogas”, traz uma reflexão sobre a temática da luta contra as drogas no Brasil e na Bolívia, a partir de um olhar decolonial. Os autores Ygor Pierry Piemonte Ditão, Vinicius Gustavo Sandes Solha e Raul da Silva Carmo analisam o fracasso da *War on drugs* [Guerra às drogas] norte-americana, valendo-se da teoria decolonial para considerar particularidades históricas e culturais de Brasil e Bolívia e inverter a ordem centro-periferia, apontando para núcleos de

emancipação e refletindo sobre respostas e estratégias que partam da periferia para o centro.

Em seguida, o terceiro artigo, intitulado “(De)colonialidade e Universidade: uma abordagem quali-quantitativa em direção à pluriversidade transmoderna” foi escrito por Livisthon Luiz Montes Garcia da Silva. O autor empreende uma investigação qualitativa e quantitativa para comprovar a hipótese de que, em universidades ocidentalizadas, atravessadas pelo Racismo Institucional e Epistêmico, autores “canônicos” e decoloniais recebem níveis diferentes de relevância. Além disso, Silva discute e reflete, à luz das teorias decolonial e libertária, possíveis respostas à discrepante diferença de relevância entre autores considerados canônicos e autores decoloniais.

Partindo para o quarto artigo, intitulado “Os efeitos das violações de propriedade durante os séculos XIX e XX na segregação socioespacial de mexicanos e mexicano-americanos na Califórnia”, escrito por Marcella Lins, encontramos uma revisão histórica do processo de imigração de mexicanos para os Estados Unidos durante o século XIX e primeira metade do século XX. Através dessa investigação, a autora aponta algumas características importantes que marcam a comunidade mexicana nos Estados Unidos, tais como a ausência de propriedades materiais e a ideia de inferioridade racial relacionada aos mestizos e indígenas. Dessa forma, a autora faz uma análise das violações de direitos de propriedade por parte do Estado e dos processos atuais de segregação socioespacial da população mexicana e mexicano-americana nos Estados Unidos.

O quinto artigo, “Anarquismo Queer: de 1890 a 2020”, de Liège Nonvieri Martins de Sousa, nos convoca a enxergar a presença de um anarquismo queer ao longo da história. Sua revisão da literatura é exemplar. Texto absolutamente importante para estudiosas/os das questões LGBTQIAP+ e anarquismo. A autora traz uma visão geral da história e evolução do anarquismo, apresentando seu tema está relacionado com pensadoras/es anarquistas queer, como Emma Goldman e Voltairine de Cleyre, que trouxeram contribuições importantes nessa articulação. Com isso, Souza nos convida a ampliar nossos horizontes para além de uma ideia tradicional da teoria, de autores e da própria práxis anarquista.

O sexto e último artigo, de autoria de Maria Luiza do Nascimento Afrizio, se intitula “A relação entre poder e beleza no imaginário brasileiro: reflexões sobre o sujeito poderoso e as implicações para os não belos”. A autora recorre a Aníbal Quijano e Lélia Gonzalez num

exercício de compreender as características do “sujeito poderoso”, aquele que possui poder no Brasil, e como este sujeito oprime e violenta aqueles que não possuem as mesmas características que ele, a bem dizer, a população negra, parda e LGBTIAP+. Para coadunar com esta argumentação, a autora apresenta dados estatísticos sobre estas populações e a ideia de Frantz Fanon sobre o indivíduo que ocupa a zona do não ser, como aquele capaz de mudar esse quadro.

Para finalizar esta edição contamos com a tradução do texto “Nossa civilização: vale a pena salvá-la?”, da anarquista Lucy E. Parsons, originalmente publicado em 1885, no jornal anarquista *The Alarm* (Chicago, EUA). Nesta tradução, Cello Latini Pfeil, Juan Filipe Loureiro Magalhães e Luna Ribeiro transportam com fidelidade ao texto original a indignação desta saudosa anarquista sobre a civilização que nos tornamos. A pensadora chama a atenção para a diferença entre quem carrega essa civilização nas costas e quem leva os créditos por isso.

Por fim, terminamos fazendo coro ao apelo de Parsons: “Ó, trabalhador! Ó, trabalhador faminto, ultrajado e usurpado, até quando darás ouvidos atentos aos autores de tua miséria?”